

A HISTÓRIA DE MINHA FILHA

As dificuldades de AC começaram na Pré-escola, pois enquanto os colegas aprendiam, pelo Método Construtivista, a ler e a entender a formação das palavras, para AC nada daquilo fazia sentido. Eu, acompanhando o seu desenvolvimento, solicitei à professora uma maneira de ajudá-la. Seguindo a sua orientação e o método de ensino, nomeei cada objeto existente em nossa casa com o seu nome desmembrado em sílabas. Assim por exemplo, em todas as portas havia em letras enormes, a palavra POR-TA.

Aprendeu a ler no 1o ano e aí, então, apareceu o problema dos erros ortográficos na escrita. Tal fato para a escola - método construtivista - não era relevante, mas para nós, pais, era deveras preocupante e motivo de estranhamento a não fixação por parte de AC da maneira correta de escrever uma determinada palavra, mesmo tendo repetido a sua muitas vezes.

AC então começou a fazer trabalhos paralelos à escola, com fonoaudiólogas (inclusive Raiman), psicólogas, professoras particulares, acompanhamento especial de duas excelentes professoras em sala de aula que entendiam o seu problema, oculista e ortóptica (lateralidade cruzada no olho esquerdo), pedagoga aplicando o PEI (Programa de Enriquecimento Instrumental), Método Kumon de matemática, enfim tudo que pudesse ajudá-la a superar o problema.

Aos 14 anos conseguimos diagnosticar a Dislexia, fato desconhecido para todos os profissionais por quem ela passou. Para nós este diagnóstico foi um alívio muito grande, porque "aquele" problema passou a ser nomeado e não era só dela, havia outros com as mesmas dificuldades. Ela não era ÚNICA!!!

AC sempre foi excelente aluna e dotada de uma memória excepcional para o que é ouvido nas aulas expositivas.

A Dislexia por não ser divulgada passou a ser um assunto velado na família e não mencionada aos parentes. Era um diagnóstico pesado, motivo de chacota e risos para os colegas e desconhecido até para os professores do 2o grau. (Absurdo!!! Para um problema estudado pela primeira vez em 1881!!! Isto significa que no Brasil a pedagogia e/ou psicologia educacional está em nível muito atrasado para os problemas de aprendizado).

Isto, até o dia em que se inscreveu para o Vestibular. Eu, sem saber como, fui pedir um tempo adicional nas provas cursivas, em especial a redação, apresentando o laudo psicológico que afirmava a sua condição de Disléxica (foi a primeira vez que o abrimos após 3 anos de diagnóstico). Assim AC poderia rever o que tivesse escrito, pois certamente haveria alguma palavra, escrita de uma maneira tão absurda, que o professor que estivesse corrigindo eliminaria todo o texto em cima do erro ortográfico, não importando a qualidade do conteúdo. Espantei-me, pois AC teve o seu tempo de prova aumentado em 1 hora, fez em alguma Universidade as provas em ambiente especial - às vezes só ela na sala - o que com certeza aumentou em muito a sua chance no vestibular, tornando-a hoje com 19 anos, uma estudante no 2o ano de Medicina.

Após isto fomos até a uma Associação em São Paulo, que a diagnosticou com Dislexia Média, porém muito trabalhada.

Mas nossa luta ainda não terminou. A minha, como mãe, continua através do apoio e incentivo nos momentos de baixa auto-estima de AC, decorrente das críticas do meio, da sociedade, e do método de ensino da Escola de Medicina (a Universidade adota o Método PBL não havendo aulas expositivas). Ela sabe que a sua superação é diária e que precisa se desdobrar para aprender estudando nos diversos livros.

A de AC, fazendo sempre o possível para conviver e considerar comum o problema dela. Virão outras etapas: residência, mestrados, doutorados que deverão ser vencidos. AC fala

que não pode se esconder atrás da Dislexia, que tem que ser boa profissional e que a um paciente não interessará se é ou não disléxica.

Era o que tinha a dizer. Acho que a luta é e será diária. Não há como abaixar a guarda.